



INDÚSTRIA 5.0

NÃO É SOBRE MÁQUINAS, MAS SOBRE O REENCONTRO ENTRE TECNOLOGIA E TRABALHADOR

Costumo dizer que a próxima revolução industrial não tem cheiro de óleo nem barulho de engrenagem; tem escuta ativa, dados em tempo real e foco genuíno em quem faz atividades no chão de fábrica. Se a Indústria 4.0 nos ensinou a automatizar processos e integrar tecnologias, a Indústria 5.0 nos obriga a fazer uma pergunta: como está o ser humano por trás da operação?

Túlio Cerviño (*)

Trata-se de uma virada de chave. A lógica de “pessoas versus máquinas” ficou para trás. Agora, entramos numa era em que a tecnologia existe para proteger, ouvir, empoderar e cuidar, trazendo resultados e benefícios tanto para a empresa quanto para o colaborador. O trabalhador deixa de ser apenas uma peça no processo e passa a ser o centro da estratégia. E isso muda tudo.

É sob essa ótica que nasce o termo Indústria 5.0, com foco em combinar tecnologia e humanidade para promover uma transformação social positiva e maior personalização. No fim, todos os avanços tecnológicos são criados pela humanidade e para a humanidade. Se podemos gerar resultados financeiros enquanto melhoramos o dia a dia do trabalhador, por que não fazê-lo?

Não é só discurso bonito. É sobre operadores que deixam de ser expostos a riscos, líderes que enxergam o impacto de determinados processos no cansaço e na produtividade, equipes que passam a ter pausas seguras, menos deslocamentos e menos atividades desnecessárias. É sobre ambientes que se tornam mais humanos e eficientes ao mesmo tempo, reduzindo afastamentos e custos gerados por incidentes evitáveis.

Quando começamos a rastrear o tempo de exposição a agentes de risco, percebemos que decisões simples, como reorganizar rodízios ou ajustar o tempo de permanência em ambientes específicos, geravam impacto direto na saúde física e mental das equipes. O ganho não era só operacional. Era humano. Era alguém chegando em casa menos exausto, com menos dores, em um ambiente que respeita os limites das pessoas.

A Indústria 5.0, ao contrário do que muitos pensam, não é sobre máquinas mais inteligentes apenas. É sobre tecnologias mais humanas. Não há eficiência se o corpo está exausto. Não há inovação que prospere em um ambiente de medo e risco. Não há sustentabilidade sem saúde física e mental dos profissionais que fazem a indústria girar todos os dias.



Túlio Cerviño

Esse novo olhar exige mudança cultural, gerencial e tecnológica. É preciso abandonar a cultura punitiva e substituí-la por dados e práticas inteligentes que antecipam riscos sem invadir, entregando informações em tempo real não só para medir, mas para ajudar. É preciso parar de tratar o trabalhador como custo e começar a vê-lo como o ativo mais estratégico de qualquer operação.

A palavra “visibilidade” talvez seja a mais importante nesse novo momento industrial. O que não se vê, não se cuida. Durante muito tempo, os profissionais da linha de frente foram invisíveis, só aparecendo nas métricas quando algo dava errado: um erro, um afastamento, um acidente. Agora, com dados em tempo real,

conseguimos enxergar sinais de alerta antes que eles se tornem crises ou custos evitáveis.

Isso redefine como desenhamos fábricas, lideramos times e tomamos decisões. É calçar os sapatos do chão de fábrica em tempo real, entendendo a jornada de quem está na operação e trazendo para a mesa informações antes invisíveis. Significa reconhecer o trabalhador como alguém que precisa de condições dignas para performar bem.

Durante décadas, a tecnologia foi pensada para extrair mais: mais velocidade, mais produção, mais precisão. Agora, precisamos de uma mudança: a tecnologia precisa ouvir, entender padrões, identificar riscos e apoiar decisões que geram valor para a empresa e para o colaborador. Isso não é teoria: é prática que transforma o dia a dia.

“Eficiência de verdade não se mede apenas em unidades produzidas por hora, mas também em quantas pessoas conseguem chegar bem ao fim do turno. Uma empresa só é verdadeiramente eficiente quando cuida de quem constrói seus resultados.”

Na Trackfy, vivemos essa transição todos os dias. Nossa solução começou com o objetivo de aumentar a produtividade e reduzir acidentes, mas a verdadeira transformação acontece quando os dados mostram algo além da eficiência: mostram a correlação entre melhoria financeira e impacto humano. Percebemos que, para bater metas, precisamos reduzir desgastes físicos e ouvir quem está na ponta.

Produtividade sem bem-estar é curto prazo. Eficiência de verdade não se mede apenas em unidades produzidas por hora, mas também em quantas pessoas conseguem chegar bem ao fim do turno. Uma empresa só é verdadeiramente eficiente quando cuida de quem constrói seus resultados.

A Indústria 5.0 não é um upgrade de sistema. É um reposicionamento de valores. É a declaração de que lucro e cuidado não são caminhos opostos, mas partes da mesma equação. Só existe negócio saudável quando quem trabalha nele também está saudável. Não há futuro para a indústria sem pessoas motivadas e seguras.

Algumas das maiores indústrias do Brasil já entenderam isso. Estão trocando o olhar míope do chão de fábrica por monitoramento inteligente, com dados reais, identificando gargalos e antecipando riscos com foco na saúde do colaborador. Estão criando ambientes onde a tecnologia cuida, e não apenas cobra. Onde os dados servem para proteger, e não apenas medir. E isso está acontecendo agora.

A Indústria 5.0 não é sobre escolher entre lucro e pessoas. É sobre entender que os dois são correlacionados, e que cuidar de quem opera a indústria é o único caminho para que ela continue funcionando de forma segura, produtiva e sustentável, gerando valor para todos.

(*) CEO da Trackfy.